

RUA FRANCISCO ALVES

Lei nº 1181 de 23-08-1954

Formada pela rua 2 do Jardim Novo Botafogo

Início na avenida Andrade Neves

Término na rua Daniel Pedro Muller

Jardim Novo Botafogo

Obs.: Lei promulgada pelo Vice Prefeito Municipal, em Exercício, João de Sousa Coelho.

FRANCISCO ALVES

Francisco de Moraes Alves nasceu na rua da Prainha, na cidade do Rio de Janeiro, em 19-agosto-1898 e faleceu dia 27-setembro-1952, em desastre automobilístico no quilometro 152 da via Presidente Dutra, entre as cidades de Taubaté e Pindamonhangaba. Francisco Alves era filho de imigrantes portugueses e criou-se entre os bairros da Lapae Estácio. Seu pai desejava que seguisse a carreira de guarda-livros, mas Chico Alves preferiu fugir de casa à estudar. Na adolescência trabalhou em profissões humildes, sendo operário numa fábrica de chapéu, engraxate, motorista de praça. Logo depois com a morte de seu pai, frequentava as roda boêmias, fazia pequenos papeis em teatro, tocava razoavelmente violão. Apresentou-se no Pavilhão do Meyer e depois no Teatro São José, onde fazia papeis secundários, até que um dia foi chamado para substituir Vicente Celestino, que viajava. Daí em diante, a gloria. Ao morrer havia gravado 608 canções de diversos gêneros em 304 discos de 78 rotações e uma biografia, contada em parte no livro "Minha Vida", traçando sua trajetória desde quando lançou sua primeira música até se constituir no maior cantor do país - o "Rei da Voz". Compôs só e em parceria e cantou músicas de sucesso e antológicas. Fez com Orestes Barbosa "A Voz do Violão" e "A Mulher que Ficou na Taça"; com Jorge Faraj "Tu Deves ser das Tais"; com David Nasser "Termina Assim Este Romance" e "Fim de Ano" (Adeus ano velho, feliz ano novo...) e muitas outras composições. Interpretou sucessos como: "Aquarela do Brasil" "Canta Brasil", "Cadeira Vazia", "Esses Moços", "Esmagando Rosas", "Fracasso", "Bahia com H", "Nancy", "Eu Sonhei que Estavas tão Linda", "Adeus, Cinco Letras que Choram", etc. Ditou como rei de carnavais, com "Dama das Camélias", "Com Dinheiro ou Sem Dinheiro", "Rei Sem Coroa", "Porque Bebes Tanto Assim Rapaz", "Solteiro é Melhor". Para as festas juninas, gravou "Para São João Decidir" e a antológica "Pula a Fogueira". Foi escolhido para cantar a "Canção do Expedicionário" e para o dia da criança a "Canção da Criança". Como homem de rádio, em seu programa na Rádio Cajuti lançou vários artistas entre os quais Orlando Silva, Aracy de Almeida e João Dias. Na Rádio Nacional, ficou celebre com seu programa aos domingos, às 12 horas, sucesso durante vários anos em todo o país. Seu enterro foi juntamente com o de Getulio Vargas o mais concorrido do Brasil.

Lei n. 526, de 30 de Abril de 1951

Dá nome a diversas ruas da cidade

A CAMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICIPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Passarão a denominar-se:

RUA LUIZ DE FRANÇA CAMARGO: Rua 5 do Parque Industrial, tendo início na Rua 1 entre as Ruas 3 e 8 e terminando na Rua 3 e a praça circular.

RUA PADRE JOSE DE QUADROS: Rua 24 do Parque Industrial, tendo início na Rua 19 entre a Rua 20 e a estrada para o aeroporto e terminando na Avenida 2 junto ao início da Rua 26.

RUA JACINTA ROSA DE SÃO JOSE: Rua 20 do Parque Industrial tendo início na rua 19 entre as Ruas 16 e 24 e terminando na praça circular.

RUA FRANCISCO ANTONIO PINTO: Rua 14 do Parque Industrial, tendo início na praça circular e término junto da divisa do Parque Industrial, com propriedade de Firmino Costa.

RUA MANUEL FRANCISCO MONTEIRO: Abrangendo as Ruas 12 e 25 do Parque Industrial e tendo início na divisa do Parque Industrial com terrenos de Firmino Costa, termina na Avenida 2 entre a Rua 26 e a estrada do aeroporto.

RUA MARIA BIBIANA DO CARMO (NHAZINHA): Rua 16 do Parque Industrial, tendo início na Rua 19 entre as Ruas 20 e sem denominação e terminando na praça circular.

RUA CUSTÓDIO JOSE INACIO RODRIGUES: Abrangendo a Rua 2 da Vila Anhangüera "continuação" e Rua 7 do Parque Industrial e tendo início na Rua 9 do primeiro arruamento entre as Ruas 1 e 2 e terminando na Rua 16 do Parque Industrial.

RUA BENEDITO FERREIRA MARQUES: Rua 6 do Parque Industrial e tendo início na Rua 6 da Vila Anhangüera "continuação" entre as Ruas 2 e 7 do Parque Industrial e terminando na Avenida 1 deste último arruamento.

AVENIDA FRANCISCO DE PAULA OLIVEIRA NAZARE: — Abrangendo as Avenidas 1 e 2 do Parque Industrial e tendo início na Rua 2 entre as Ruas 1 e 6 A, e terminando na estrada do aeroporto entre as Ruas 21 e 23.

RUA ANTONIO JOSE DA SILVA MARTELLINHO: Abrangendo a Rua 6 da Vila Anhangüera "continuação" e 11 do Parque Industrial e tendo início na Rua 2 entre a Rua 6 A do Parque e a Rua 7 da Vila Anhangüera e terminando na Rua 20 entre as Ruas 9, 19 todas do Parque Industrial.

RUA JOSE PINTO DE CAMARGO: Rua 4 do Parque Industrial e tendo início na Avenida 1 entre as Ruas 2 e 8 e terminando na Rua 1 entre as Ruas 3 e 5.

RUA JOÃO BATISTA ALVES DE SOUSA (JOÃO CORAÇÃO): Abrangendo a Rua 1 da Vila Anhangüera "continuação" e 8 do Parque Industrial e tendo início na Rua 19 junto à Rua sem denominação, termina na divisa do Parque com terrenos de Firmino Costa.

RUA JOÃO BATISTA PUPO DE MORAIS: Rua 9 do Parque Industrial, tendo início na Rua 6 entre a Rua 6 A e 6 da Vila Anhangüera "continuação" e terminando na Avenida 2 junto ao início da Rua 25.

RUA TOMÁS GONÇALVES GOMIDE: Rua 1 do Parque Industrial que tendo início junto ao Cortume do Sr. Firmino Costa, termina na Rua 8 entre a Avenida 1 e Rua 5.

AV. JOÃO BATISTA MORATO DO CANTO: Rua 2 do Parque Industrial que tendo início na Rua 1 termina na Rua 9.

RUA JOÃO FELIPE XAVIER DA SILVA: Rua 16 da Vila São Bernardo, paralela à Rua Benigno Ribeiro e tendo início na estrada do aeroporto, termina junto à divisa da Fazenda Taubaté.

RUA ANA JACINTA DE ANDRADE COUTO: Rua 3 do Parque Industrial que tendo início na Rua 1 termina na Rua 26.

RUA LUCIANO XAVIER DE OLIVEIRA (PADRE MIMI): Rua 7 da Vila Anhangüera "continuação" e tendo início na Rua 2 entre as Ruas 6 e 10 termina na Rua 1 entre as Ruas 6 e 8.

RUA JOÃO GUIMARÃES BAHIA: Rua 26 do Parque Industrial, tendo início na Avenida 2 entre a praça circular e a Rua 25 e termina junto à divisa do Parque, com terrenos do Sr. Firmino Costa.

RUA FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA: Rua 10 do Parque Industrial, tendo início na Rua 11 entre as Ruas 8 e 16 e terminando na Rua 3 entre as Ruas 8 e 12.

RUA ANTONIO FELIX DE SOUSA BRITO: Rua 8 da Vila Anhangüera "continuação" e tendo início na Rua 1 entre as ruas 7 e 9 termina na Rua 2.

RUA MALAQUIAS CHIRLANDA: Rua 22 do Parque Industrial e tendo início na Rua 25 entre as Ruas 26 e 14 termina na Rua 3 entre as mesmas ruas.

RUA BERNARDINA CESARINO: Rua 6 A do Parque Industrial e tendo início na Rua 2 termina na Rua 6, entre a Rua 9 e Avenida 1.

RUA AMÂNCIA CESARINO: Rua 21 do Parque Industrial e tendo início na estrada do aeroporto entre a Rua 19 e Avenida 2 termina na Rua 24, entre as Ruas 9 e 19.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Faço Municipal de Campinas, aos 30 de abril de 1951.

DR. ARLINDO JOAQUIM DE LEMOS JR.

Prefeito Municipal, em exercício

Publicada na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 30 de abril de 1951.

O Director,
ADMAR MAIA



LEI N.º 1181, DE 23 DE AGOSTO DE 1954

DÁ O NOME DE "FRANCISCO ALVES" A UMA RUA DA CIDADE

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — Fica denominada "FRANCISCO ALVES" a via pública n.º 2 do Jardim Novo Botafogo, que tendo início na Avenida Andrade Neves termina na Rua n.º 3 desse arruamento.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 23 de agosto de 1954.

João de Sousa Coelho

Vice-Prefeito Municipal, em exercício

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 23 de agosto de 1954.

O Diretor,
Admar Maia



Francisco Alves

"Chora, Estácio/Salgueiro e Mangueira/Todo o Brasil emudeceu/ChicoViola morreu". Estes versos de um samba de Nássara e Wilson Batista, uma das várias músicas que surgiram em homenagem póstuma a Francisco Alves, dá uma idéia da grande consternação popular causada pela inesperada e trágica morte do "Rei da Voz", há 24 anos, num acidente automobilístico.

Eram 18 horas do dia 27 de setembro de 1952, um sábado, quando o "Buick" preto em que o cantor viajava, em companhia do seu amigo Haroldo Alves, foi abalroado e arremessado longe por um caminhão de carga que trafegava na Via Dutra, no trecho entre Taubaté e Pindamonhangaba. Com o impacto, Haroldo foi atirado a vários metros de distância e salvou-se, enquanto o carro se incendiava. Preso às ferragens, Chico ficou carbonizado. Restou apenas o seu violão, que estava no banco traseiro e foi a única coisa que o incêndio poupou, segundo relato da época.

Uma hora antes do desastre, ele acabara de dar o seu último show, que tinha atraído cerca de seis mil pessoas ao Largo da Concórdia, em São Paulo. Estava com 54 anos de idade e no auge da glória. Morreu depois de reinar durante cerca de 30 anos como o "Rei da Voz" e de ter gravado mais de quatrocentas canções. Entre elas, destacava-se "A Voz do Violão", lançada em 1935 e que se tornaria a música de identificação do cantor. De sua autoria e de Horacio Campos, dizia: "No espinho de tão negra solidão/ Eu tenho um companheiro inseparável/ Na voz do meu plangente violão".

Assim que a notícia do acidente e da morte do cantor chegou as emissoras de rádio passaram

a apresentar suas gravações incessantemente, entre as quais "Adeus" (As cinco letras que choram) e os cinemas a reprisar dois dos filmes em que ele aparecia cantando: "Alô, Alô Carnaval" e "Berlim na Batucada". No dia seguinte, um domingo, à hora em que deveria entrar no ar o programa semanal de Chico Viola, na Rádio Nacional, líder de audiência, seu corpo chegava à Câmara Municipal do Rio de Janeiro, para ser velado.

Seu enterro "foi talvez o maior da história do Brasil, junto com o de Getulio Vargas ou do Barão do Rio Branco, mais concorrido ainda do que o de Carmem Miranda", segundo o crítico e jornalista José Lino Grunewald. Uma enorme multidão — falou-se em 150 mil pessoas — acompanhou o cantor até a última morada; no cemitério de São João Batista, onde o seu túmulo passou a ser um dos mais visitados, sobretudo no aniversário de sua morte e no dia de Finados.

Em toda a sua carreira, ainda segundo José Lino, "o trono do rei só balançou durante os seis ou sete anos insuperáveis de Orlando Silva, a quem, aliás, Chico deu ajuda decisiva e sempre incentivou. Entre 1936 e 1943, outros três grandes do canto mantiveram-se com toda a corda e fama: Vicente Celestino, Silvio Caldas e Carlos Galhardo".

Intérprete de todos os generos

Filho de imigrantes portugueses, Francisco Alves nasceu em 9 de agosto de 1898, no Rio de Janeiro e criou-se entre os tradicionais bairros da Lapa e Estácio. Desde criança gostava de cantar, de ver circos e bandas

musicais. Em 1918, depois de ter trabalhado como engraxate e numa chapalaria, estreou como cantor, no Pavilhão do Meier.

No ano seguinte, 1919, gravou seu primeiro disco, dois sambas de Sinhô: "Pé de Anjo" e "Fala Meu Louro". A partir daí, seu prestígio foi crescendo junto ao público.

A sua voz sempre bela, que ao longo dos anos varjou do quase tenor para quase grave, ganhou em suavidade o que poderia ter perdido em volume e desenvoltura. Foi o intérprete preferido de nossos melhores compositores. Cantava os mais diversos gêneros musicais, desde o samba, maxixe, marchas carnavalescas, embolada, valsa e seresta, até ritmos estrangeiros como "fox-trot", tango, bolero e "charleston", em versões de letristas como Orestes Barbosa, Lamartine Babo e Haroldo Barbosa.

Por volta de 1930, formou dupla com Mario Reis. E surgiram sucessos como "Se Você Jurar", "Fita Amarela" e "Formosa". Algumas das interpretações do "Rei da Voz", consideradas antológicas, são: "Deusa" (do compositor Freire Junior); "Arrependido" (Ismael Silva e Nilton Bastos), "Dançando com Lágrimas nos Olhos" (de Joe Burke, em versão de Lamartine Babo), "Eterna" (Eduardo Souto), "A Mulher que Ficou na Taça" (com letra de Orestes Barbosa) e os sambas "Uma Nuvem que Passou" e "Prá Esquecer", de Noel Rosa.

Sua última gravação foi uma música dedicada às crianças: a "Canção da Criança", que fez grande sucesso e onde ele fazia esta prece: "Ó meu bom Jesus/ Que a todos conduz/Olhai as crianças/Do nosso Brasil".

Lei de 23.08.1956, dava o nome de Francisco Alves à rua que começa na Avenida Andrade Neves, no Jardim Botafogo.

DIÁRIO DO POVO

17 DE SETEMBRO DE 1954



E. P. F. Prof. E. M. Zink
 Departamento de Campinas

RUAS DA CIDADE:

FRANCISCO ALVES — rua

Começa na Avenida Andrade Neves, no JARDIM NOVO EOTAFOGO.

A denominação foi dada pela Lei 1.181, de 23 de agosto de 1954. Tem 15 metros de largura.

Dados Biográficos: O cantor Francisco Alves (Chico Viola), o Rei da Voz, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, aos 19 de agosto de 1898, e faleceu vítima de desastre automobilístico na via Presidente Dutra, em 27 de setembro de 1953.

Seu primeiro emprego foi um lugar no cais do porto, na Capital Federal. Transferiu-se, a seguir, para a Fábrica de Chapéus Mangueira. Desde garoto evidenciou suas qualidades de cantor, pois vivia nas praias, nos subúrbios e nos morros interpretando canções da época. Oficialmente apareceu em 1918, quando cantou no Pavilhão do Meyer, de propriedade da Empresa João Maria de Deus. Ingressou, a seguir, no Circo Spinel. Com a epidemia da gripe de 1918, interrompeu sua carreira, porém, em 1919 ressurge contratado pelo Politeama de Niterói. Dissolvendo-se a Companhia em que figurava, foi ao Teatro S. José e ingressou na Companhia Pascoal Segreto, onde se projetou. Progredindo a passos largos Francisco Alves foi procurado para as primeiras gravações e que na época (1928), foram verdadeiros sucessos. A primeira foi uma gravação comercial, precedente de uma importante firma de S. Paulo. Ouvida a gravação Freire Jor., ficou profundamente impressionado e junto ao proprietário da "Casa Odeon", Sr. Fred Finger, aliás a primeira casa de discos do Brasil, conseguiu que Francisco Alves gravasse, a sua primeira gravação foi "Pê de Anjo", grande sucesso. A seguir "Ora vejam só", da qual foram vendidos 25 mil discos recebendo pelo trabalho, o cantor, 50 mil réis. Ingressou, então, na Sociedade Rádio do Rio de Janeiro, fazendo, ainda, programas na Maringue Veiga, Guanabara, Transmissora Rádio Clube, Educadora, Caju-ti, realizando nesta última com sucesso o "Programa Francisco Alves", uma espécie de rádio-oportunidade, surgindo valores em massa, dentre eles, o grande Orlando Silva, o popular cantor brasileiro. Foi, após, contratado para a Rádio Nacional, onde permaneceu até o seu falecimento.

Dono de apreciável fortuna, Francisco Alves, era um coração generoso, principalmente para com as crianças, para as quais tinha verdadeira veneração. Legou a Casa de Lázaro, no Rio de Janeiro, os direitos autorais da "Canção da Criança", linda canção, porém, totalmente esgotada.

A.M.G.

Há 27 anos morria Francisco Alves o grande ídolo da década de 40

Hoje, na Igreja Santa Efigênia, às 19 hs., em São Paulo, amigos, artistas, jornalistas farão realizar missa em ação de graça pelos 27 anos da morte de Francisco Alves, o maior nome da música brasileira na década de cinquenta.



Francisco Alves, o Chico Viola

Vítima de um desastre de automóvel, Francisco Alves, o maior nome da música brasileira, na época, morreu às 17 horas do dia 27 de setembro de 1952, no quilômetro 152 da Via Presidente Dutra.

Francisco Moreira Alves, nasceu no dia 19 de agosto de 1898, na Rua da Prainha no Rio de Janeiro. Chico, conforme era conhecido desde pequeno, não foi um bom aluno. Progredia lentamente nos estudos, preferindo as peladas.

Já mocinho, passou por vários empregos, até ir trabalhar numa fábrica de chapéu, em Madureira, de onde teve que sair por não concordar com as exigências do mestre. Esse, praticamente, foi em seu último emprego, porque já era um apaixonado pela música popular e as serestas passaram a fazer parte de sua vida.

Certa vez, ao visitar o Teatro São Pedro, foi convidado a participar de um coral daquela casa

de espetáculos, tendo antes se submetido a um teste de voz. Agradou tanto que o levaram à presença do maestro Roberto Soriano que, entusiasmado, prontificou-se a ensiná-lo a desenvolver melhor sua voz. Chico, porém não aceitou, porque preferia cantar a seu modo, pois, segundo ele, era assim que o povo queria.

O apelido de "Chico Viola", foi-lhe dado porque, desde muito cedo, aprendeu a gostar do violão, instrumento que ele adquiriu, permutando-o por uma velha bicicleta. Certa vez, encontrando-se com o poeta Orestes Barbosa, pediu-lhe para compor uma letra que perpetuasse sua estima pelo violão. Dias depois, nascia uma das mais belas canções da nossa música popular, "Companheiro dileto", com um refrão que diz assim: "Meu companheiro dileto, violão és meu afeto, és minha consolação. De tanto roçar meu peito, tens hoje o timbre perfeito, da voz do meu coração..."

Mas sua afeição pelo violão, não parou aí, compôs ainda com

o mesmo parceiro, a antológica canção, "A voz do violão". Ainda com Orestes Barbosa, fez outras parcerias, como "A mulher que ficou na taça". Com Jorge Faraj, fez, "Tu deves ser das tais". Com David Nasser assinou diversas parcerias entre as quais "Termina assim este romance" e a popularíssima canção "Fim de ano" (Adeus ano velho, feliz ano novo...).

Em sua discografia, como intérprete, figuram sucessos como "Aquarela do Brasil", "Canta Brasil", "Cadeira vazia", "Esses moços", "Onde o céu azul é mais azul", "Esmagando Rosas", "Bahia com H", "A mulher do meu amigo", "Fracasso", "Nancy", "Eu sonhei que estavas tão linda", "Adeus, cinco letras que choram", etc.

Na chamada música de época, muito comum naquele tempo Chico era um ditador de sucessos: no carnaval, "Dama das Camélias", "Com dinheiro ou sem dinheiro", "Porque bebes tanto assim rapaz", "Rei sem coroa", "Solteiro é melhor", e tantas outras. Para as festas juninas, as músicas "Para São João decidir" e a antológica "Pula a fogueira".

Música patriótica: "A canção do expedicionário". Para o dia da criança, "Canção da criança".

Como homem de rádio, possuía um programa na Rádio Caju, onde lançou vários artistas, entre os quais Orlando Silva, Aracy de Almeida e João Dias.

Posteriormente, Chico passou para a Rádio Nacional, onde ficou célebre seu programa apresentado aos domingos, às 12 horas.

Deixou uma discografia das maiores, ele que além da nossa música popular, gravou inúmeras versões, para estar em dia com a música de casa e de fora. Seus discos, até hoje, ainda são levados ao ar, por muitas das nossas emissoras de rádio, o que por certo acontecerá no dia de hoje, quando também um grupo de amigos, artistas, jornalistas, farão realizar na Igreja Santa Efigênia, em São Paulo às 19 horas, missa de ação de graças pela sua alma.

Lei nº 1181 de 23-08-1954

A Lembrança de Chico Alves, 30 anos depois.

Francisco Alves, o "rei da voz", morreu
no dia 27 de setembro de 1952, hoje

há 30 anos que morreu. Se em sua memória

Foi há 30 anos, no fim da tarde de um dia como este, de Cosme e Damião, que Francisco Alves, o "rei da voz", morreu aos 54 anos, em pleno auge da fama, num acidente de automóvel, comovendo o País inteiro. E hoje, às 18h30, o 30º aniversário da sua morte será lembrado por amigos e admiradores com uma missa na Catedral da Sé, seguida de uma noite de serenata, na praça, que reviverá as canções do artista.

Eram 17h26 daquele sábado, 27 de setembro de 1952. Chico Alves dirigia seu Buick a 130 quilômetros por hora na via Dutra quando foi surpreendido pela manobra de um caminhão para não colidir com um Mercury preto. O Buick bateu de frente no caminhão e o cantor — que retornava de São Paulo onde havia feito show para seis mil pessoas na praça da Concórdia — morreu instantaneamente. Carbonizado.

Francisco de Moraes Alves orgulhava-se de ter nascido à rua da Prainha, no Rio de Janeiro, e de ser filho de portugueses. O pai era dono de botequim, no bairro da Saúde, onde viviam os valentões da época. "Creio que eu era mais feliz naquele tempo. Os bambas respeitavam o velho. Aos domingos, segundo a tradição portuguesa, reunia a família em torno da mesa, enquanto dona Isabel, minha mãe, servia o bacalhau ou cozido, escorrendo azeite. Era uma cozinha portentosa" — disse Chico certa vez, lembrando sua história.

O velho queria que ele fosse guardalivros e irritava-se muito com a sua mania de cantar no banheiro. Matriculou-o no Colégio da Ajuda, mas Chico gostava mesmo era de engraxar sapatos. Por isso teve de enfrentar a fúria do pai e fugiu de casa. Daí deu de apresentar-se em público, sentado na calçada, cantando enquanto a molecada recolhia os níqueis que iam sendo jogados. "O século era uma criança e as ruas do Rio, estreitas e calorentas, abrigavam uma multidão de curiosos", contava ele a seu amigo David Nasser.

Na adolescência trabalhou em profissões humildes, foi operário numa fábrica de chapéu, motorista de praça. Um de seus irmãos, Juca, morreu na espanhola, epidemia que dizimou a população do Rio. Um ano depois morria seu pai. E a música ia entrando em sua vida, aos poucos. Freqüentava rodas boêmias, fazia pequenos papéis em teatro, tocava razoavelmente seu violão. Passou a fazer parte da turma organizada para aplaudir Vicente Celestino, ídolo da época.

Até que alguém o apresentou ao dono do Pavilhão do Méier. Aprovado no teste, passou a cantar por cinco mil réis

por noite. Mas a companhia dissolveu-se e Chico cantava até de graça. Numa serenata conheceu o empresário José Segreto que o convidou a trabalhar no Teatro São José, o mesmo palco onde se apresentava Vicente Celestino.

Fez papéis secundários na revista até que um dia foi chamado a fazer o papel principal, substituindo o próprio Celestino, que viajava. Daí em diante, a glória. Deixou gravadas 608 canções de diversos gêneros em 304 discos de 78 rotações e uma biografia, contada em parte no livro Minha vida que, ao traçar a trajetória de seu sucesso, a partir da década de 20, quando ainda nos gramofones fofosos lançou a primeira música, Ai, seu mé, lembra fatos ligados à própria história de seu tempo e do mundo em que viveu.

Muitas histórias poderiam ser contadas sobre os últimos momentos da vida de Chico Alves se um dos personagens que presenciou os fatos quisesse falar. Mas o comerciante Haroldo Alves, sobrevivente do acidente e hoje com 54 anos, vem mantendo o silêncio de 30 anos, com tanto rigor que todos os anos, nessa época, sai do Rio para não ser incomodado por jornalistas.

Na única entrevista que deu e que, segundo sua mulher, "saiu toda errada", razão pela qual Haroldo não quis falar mais nada, ele disse que a última imagem que guardava de Chico Alves é a de ele desligando o rádio do carro "muito zangado porque o Bangu tinha sido goleado no Maracanã, pelo América, e ele; que gostava muito de futebol, era banguense doente". Do acidente não lembra. "Eu estava dormindo a sono solto e dizem que só não morri por causa disso."

O empresário Abrahão Medina, que durante 12 anos foi patrocinador do programa Chico Alves, na Rádio Nacional, e organizou na cidade fluminense de Miguel Pereira, onde Francisco Alves costumava descansar durante três meses por ano, um museu com todos os seus pertences e discos, lembra que Chico gostava de correr muito mas dirigia muito bem. "Dias antes daquele acidente ele tinha sofrido um outro, sem maiores gravidades. Por isso custei a crer na notícia de sua morte. No entanto, acho que ele jamais morrerá."

Para uma grande legião de fãs, Chico Alves continua também vivo e as demonstrações de carinho que vem tendo ao longo desses 30 anos de sua morte atestam isso. No Cemitério São João Batista, no Rio, onde está sepultado no túmulo 519-A, da aleia 5, a presença constante de flores prova a sua popularidade.

(Extraído do "Jornal da Tarde", SP, de 27-setembro-1982)